

ESTRUTURA DA LÍNGUA PORTUGUÊSA

JOAQUIM MATTOSO CAMARA JR.

4ª edição



EDITORA VOZES LIMITADA
Petrópolis, RJ
1973

pronúncia */nu'miru/, em vez de /nu'meru/, para *número*, ou */tè'pedu/, em vez de /tè'pidu/, para *tépido*, é logo rechaçada). Já para a vogal átona final, seguida ou não de /s/ no mesmo vocábulo, há a neutralização entre /o/ e /u/ e entre /e/ e /i/. Assim, Bilac rima *Argus* com *largos*, *Venus* com *serenos*, e um poeta paranaense, como Cruz e Sousa, rima o lat. *clamavi* com *nave*, o it. *Bellini* com *define* (Camara 1953, 129-30).⁴

Há assim, independentemente de se tratar sempre a rigor de alofones posicionais do correspondente fonema tônico, 3 quadros de vogais átonas para o português do Brasil:

1º quadro (vogais pré-tônicas):

altas	/u/			/i/
médias		/o/		/e/
baixa			/a/	

2º quadro (primeiras vogais postônicas dos proparoxítonos, ou vogais penúltimas átonas):

altas	/u/			/i/
média		/../		/e/
baixa			/a/	

3º quadro (vogais átonas finais, diante ou não de /s/ no mesmo vocábulo):

altas	/u/		/i/
baixa		/a/	

No registro informal do dialeto carioca, as oposições, no 2º quadro, entre /o/ /u/, de um lado, e, de outro lado, entre /e/ e /i/ ficam prejudicadas pela tendência a harmonizar a altura da vogal pretônica com a da vogal tônica quando esta é átona. Souza da Silveira, em termos fonéticos, tratou com acuidade do fenômeno (Silveira 1939, 355), chamando-o «harmonização vocálica». A rigor, diante de /i/ ou /u/ tônicos, /e/ e /o/ só aparecem com firmeza em vocábulos inusitados na linguagem coloquial e por isso não encontramos num registro informal, como *fremir*, e alguns outros. A distinção entre *comprido* «longo» e *cumprido* «executado» é, por exemplo, praticamente gráfica, pois a pronúncia corrente, por causa da harmonização no primeiro vocábulo, é nos dois vocábulos /kuNpri'du/.

⁴ Em Portugal, a neutralização entre /e/ e /i/ dá /e/ expresso pelo alofone posicional [a] (e neutro). Numa ou noutra área do sul do Brasil não há a neutralização e, por exemplo, *jure* (de *jurar*) se opõe a *júri* (tribunal popular); mas os pares opostos são em muito pequeno número.

E' uma situação semelhante que se repete com /e/ e /o/ pretônicos em hiato com um /a'/ tônico, como nos infinitivos *voar*, *passar* etc. O /i/ tende a substituir o /e/, e o /u/ o /o/, dando as pronúncias /vuár'/, /pasíar'/ etc. Em outros termos, as vogais altas debordam num e noutra caso as vogais médias correspondentes. E' esse «debordamento», que Viggo Brøndal chama «cumulação», uma variação, ou melhor, flutuação dentro do sistema, que atrofia ou hipertrofia elementos dêle (Brøndal 1943, 20-1).

Não há neutralização por duas circunstâncias. Em primeiro lugar, a oposição se recria para fim de clareza comunicativa, e, então, surge, por exemplo, /koNpridu/, em contraste com /kuNpridu/, ou /pear'/ «embaraçar», em contraste com /piar'/ «soltar pios», ou /soar'/ «fazer som», em contraste com /suar'/ «verter suor», e assim por diante. Em segundo lugar, com uma interferência do plano morfológico, a vogal média pretônica mantém-se firme em vocábulos derivados, paradigmaticamente associados aos vocábulos primitivos em que ela é tônica. Há a pronúncia /sirvis'/, ao lado do mais raro /servis'/, para a 2ª pessoa plural do verbo *servir* (também dito /sirvir'/ mais comumente que /servir'/), mas só /servis'/, como /servil'/, para o plural, como o singular, do adjetivo derivado de *servo*/sèr'vu/. Anàlogamente, há /ful,i'n,a/ *folhinha*, para «calendário», mas só /fol,i'n,a/ para o diminutivo de *fôlha*.

19 Resta uma derradeira posição átona para as vogais: a da chamada posição assilábica, quando a vogal, em vez de ser o centro da sílaba, fica numa de duas margens, como as consoantes. O resultado é uma vogal modificada por outra na mesma sílaba e constitui-se o que se chama o ditongo.

A descrição dos ditongos portugueses é uma parte da descrição dos tipos de sílaba em português, aos quais será dedicado um capítulo próprio neste livro.

Desde já, entretanto, cabe apresentar duas questões preliminares referentes às vogais assilábicas.

A primeira é a neutralização intensa que então se verifica. Todo o sistema vocálico passa a se resumir numa única oposição entre uma vogal anterior alta /i/, como em *pai* ou *sei* e uma vogal posterior alta como *pau* ou *seu*. Há em seguida para considerar se a vogal assilábica não é, na realidade, uma consoante em português, uma vez que funciona como tal. Dois fonólogos da língua portuguesa adotam essa solução: Morais Barbosa (Barbosa 1965, 182 ss) e Brian Head (Head 1964, 96), embora o último reconheça que foneticamente se trata de vogais.

Esta segunda questão parece, à primeira vista, um tanto secundária. Considerar as vogais assilábicas como fonemas consonânticos é aumentar o número das consoantes portuguesas, mas em compensação diminuir os tipos portugueses de sílaba que cabe descrever. O contrário acontece se as interpretamos como alofones posicionais vocálicos.

Há, entretanto, uma consideração que me parece preponderante em favor desta última solução. Quero referir-me à possibilidade de se encontrar um /r/ brando depois de ditongo. Com efeito, esta consoante só existe em português entre vogais. Aí cria uma oposição com /r/ forte, como já vimos nos pares *era:erra*, *caro:carro*, *foro:forro*, *côro:corro* e assim por diante. Já entre consoante e vogal, como em posição inicial, só há /r/ forte (*gueltra*, *Israel*, como *rato* etc.). Em face dessa propriedade fonêmica do /r/ fraco, a sua presença entre ditongo e vogal, como em *Laura*, *eira*, *européu* e assim por diante, nos força a interpretar a vogal assilábica, mesmo em termos fonêmicos, como vogal (alofone assilábico de uma vogal, e, nunca, como uma consoante).

20 Um problema análogo, em português, é o das chamadas «vogais nasais».

A língua portuguesa se caracteriza, entre as línguas românicas, por uma emissão nasal das vogais muitas vezes. O mesmo fato se apresenta em francês; mas em condições fonológicas um tanto diversas, como veremos mais tarde. Nas demais línguas românicas, o que a fonética apurada registra é uma leve nasalação de uma vogal em contacto com uma consoante nasal da sílaba seguinte, no mesmo vocábulo.

Já vimos que nessa posição as vogais portuguesas, no Brasil, sofrem uma redução, mesmo do seu quadro tônico, com [â] abafado (levemente posterior) e a neutralização das oposições /è:/ê/ e /ò:/ô/ em proveito das médias de 2º grau. Vemos agora que, como nas demais línguas românicas, também podem ficar nasaladas.

Mas não há equivalência entre as duas emissões nasais. O segundo tipo de nasalidade não funciona para distinguir formas, e não é, portanto, de natureza fonológica. E' no que insiste com toda a razão o foneticista e fonólogo sueco Bertil Malmberg num seu livrinho clássico (Malmberg 1963, 37).

A ressalva tem muita importância, porque o português, ao lado da nasalidade fonológica, também pode ter essa nasalidade, ocorrente por assimilação à vogal nasal de uma sílaba seguinte. E' preciso assinalar, portanto, que uma nasalidade como de *junta*, oposto a *juta*, ou de *cinto*, oposto a *cito*, ou de *lenda*, oposto a *leda*, e assim por diante, não se deve confundir com uma pronúncia levemen-

te nasal da primeira vogal de *ano*, ou de *cimo*, ou de *uma*, ou de *tema* etc., em que o falante tende a antecipar o abaixamento do véu palatino, necessário à emissão da consoante na sílaba seguinte, e emite já nasalada a vogal precedente. Aí, não há oposição entre a vogal nasalada e a vogal, também possível, sem qualquer nasalação. Com a nasalação, ou sem ela, aparecerão sempre as mesmas formas vocabulares, *ano*, *cimo*, *uma*, *tema* etc.

A preocupação fonética naturalística, que, mesmo inconsistentemente, se manifesta hoje, cada vez mais, no nosso ensino escolar, tem levado alguns autores a uma teoria das vogais nasais que inclui os dois casos.

A perturbação daí resultante é enorme, porque o falante espontâneo «não sente» no segundo caso uma nasalidade que não é funcionalmente válida. O gramático, à maneira da criada de Ali Babá, marca com cruz vermelha tôdas as portas e já não assinala o valor fonêmico das vogais nasais em português.

Diante de uma possível nasalação, que é meramente mecânica e fonética (sem efeito para distinguir formas da língua) e uma nasalação que se opõe distintivamente à não-nasalação, é preciso encontrar um traço específico que caracterize as vogais que são nasais em termos fonêmicos. São elas as únicas vogais nasais portuguesas que merecem tal classificação.

O meu ponto de vista, já antigo (Camara 1953, 89 ss), que ainda não foi aceito pacificamente, é que se deve procurar êsse traço distintivo na constituição da sílaba. Em outros termos: a vogal nasal fica entendida como um grupo de dois fonemas, que se combinam na sílaba — vogal e elemento nasal. *vogal + elemento nasal*

Dentro dessa interpretação, a vogal nasal portuguesa vai ser descrita aqui, quando chegarmos à descrição da sílaba, como se deve fazer para o ditongo, para os grupos de consoantes, para os grupos de vogal mais consoante.

Isto pôsto, procuremos apreciar o segundo tipo de fonemas portugueses, que já citamos: as consoantes.

21 Também aí é preciso considerar a posição mais favorável ao desdobramento de todo o elenco de consoantes.

Essa posição é a de primeira consoante antes da vogal da sílaba. Como tal, pode ser intervocálica, separando duas sílabas, ou não-intervocálica, quer em início de vocábulo, quer medial, depois de outra consoante da sílaba precedente.

As consoantes intervocálicas, em português, apresentam uma articulação um tanto enfraquecida pelo ambiente vocálico em cujo meio